

Formação em rede: a potencialidade do encontro com o outro no constituir-se professor(a)



Volumen 5 N.º 42
enero - junio de 2017
ISSN: 0122-4328
ISSN-E: 2619-6069
pp. 27-36

Formación en red:
la potencialidad del
encuentro con el
otro al constituirse
como docente

Network Training:
The Potential of
an Encounter with
Others by Becoming
a Teacher

Carmen Sanches Sampaio*
Tiago Ribeiro**
Ana Paula Venâncio***

Fecha de recepción: 08-12-2016

Fecha de aprobación: 09-03-2017

PARA CITAR ESTE ARTÍCULO

Sanches, C., Ribeiro, T. y Venâncio, A. (2017). Formação em rede: a potencialidade do encontro com o outro no constituir-se professor(a). *Nodos y Nudos*, 42, 27-36.

* Integrante e co-coordenadora da *Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad). Professora do Programa de Pós-Graduação e da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). carmensanches.unirio@gmail.com

** Integrante da Rede Formad. Doutorando em Educação da UNIRIO e integrante do GPPF. Professor do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. trsunirio@gmail.com

*** Integrante da Rede Formad. Mestre em Educação pela UNIRIO. Professora do Colégio de Aplicação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CAp/ISERJ). anapaulavenancioafrica@gmail.com



Volumen 5 N.º 42
 enero - junio de 2017
 ISSN: 0122-4328
 ISSN-E: 2619-6069
 pp. 27-36

RESUMO

O texto reflete sobre princípios perseguidos em nossas ações de formação, pesquisa e extensão no bojo da *Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad), criada no ano de 2010, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Defende as redes e coletivos docentes como instâncias político-pedagógicas de solidariedade onde se podem criar e viver outras formações, as quais afirmam docentes como sujeitos de seu processo formativo, produtores de conhecimento e saber pedagógico. Finalmente, o artigo compartilha aprendizagens tecidas no movimento de experimentar a riqueza político-ético-estético-pedagógica da formação em rede e do pensar com o outro como movimento de transformação, dando a ver algumas ações formativas que se desafiam a estabelecer relações decoloniais e dialógicas.

Palavras-chave: formação docente; redes; experiência

RESUMEN

El texto reflexiona sobre los principios perseguidos en nuestras acciones de formación, investigación y extensión en la *Red de Formación Docente: Narrativas y Experiencias* (Red Formad), creada en el año 2010, en la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro, Brasil. Se defienden las redes y colectivos docentes como instancias político-pedagógicas de solidaridad donde se pueden crear y vivir otros tipos de formación, los cuales afirman a los docentes como sujetos de su proceso formativo, productores de conocimiento y saber pedagógico. Finalmente, el artículo comparte los aprendizajes tejidos en el movimiento de experimentar la riqueza político-ético-estético-pedagógica de la formación en red y del pensar con el otro como movimiento de transformación, permitiendo ver algunas acciones formativas que desafían a establecer relaciones decoloniales y dialógicas.

Palabras clave: formación docente; redes; experiencia

ABSTRACT

The text reflects on the principles pursued in our training, research and extension activities in the *Teacher Training Network: Narratives and Experiences* (Formad Network), which was created in 2010 at the Federal University of the State of Rio de Janeiro, Brazil. It also defends teacher networks and collectives as political-pedagogical instances of solidarity where other types of training can be created and lived, confirming teachers as subjects of their training process and as producers of pedagogical knowledge. Finally, the paper shares the learning woven into the movement of experiencing the political-ethical-aesthetic-pedagogical richness of network training and thinking with others as a movement of transformation, making it possible to see some training actions that take on the challenge of establishing decolonial and dialogical relations.

Keywords: teacher training; networks; experience

Introdução

Encontrar o próprio passo, o próprio peso e a própria leveza, a breve e fugaz medida dos átomos, as circunferências e as páginas escritas ou ainda em branco.

Sair de si, do que se é, do que se sabe: o idêntico a si mesmo só traz idiotia e peso morto.

Ir-se ao mundo: às tumbas dos poetas, aos céus próximos, ao passado menos recente, à duração do frágil, aos gestos que ainda estão imóveis.

Educar como apartar-se, afastar-se de casa, longe de todo ponto de partida.

O educar como jeito de respirar: nada se aprende da asfixia.

O educar como jeito de escapar: da apatia, da tirania, da voz paralisante.

O educar como forma de voltar ao lugar onde nunca estivemos antes.

CARLOS SKLIAR, 2014.

Este trabalho busca refletir sobre princípios que vimos perseguindo em nossas ações de formação, pesquisa e extensão no bojo da *Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad), criada no ano de 2010, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no contexto de participação no VI *Encuentro Iberoamericano de colectivos y redes de maestros y maestras, educadores y educadoras que hacen investigación e innovación desde su escuela y comunidad*, ocorrido em Córdoba, na Argentina, no ano de 2011.

Entendemos as redes e coletivos docentes como instâncias político-pedagógicas de solidariedade onde, juntos, vamos descobrindo e ousando viver outras formações, as quais afirmam o professor e a professora como sujeitos de seu processo formativo, produtores de conhecimento e saber pedagógico (Sampaio, 2010; Suárez, 2011). Portanto, nosso desafio vai no sentido de investir e construir coletivamente processos onde o vivido por docentes no cotidiano da escola seja legitimado como potência formativa, como foco de discussão e reflexão, em vez de viver práticas que buscam iluminar, "capacitar", "preparar", esclarecer o outro.

Por compreender a formação como um movimento singular e ao mesmo tempo alteritário, isto é, pela convicção de que a formação é um processo *auto* e *alter* produzido – pelo próprio sujeito no encontro com outros (Sampaio; Ribeiro; Moraes, 2014) –, na Rede Formad, vamos buscando modos de pensar e fazer onde esses pressupostos sejam vivenciados na prática.

Nesse sentido, no texto aqui apresentado, compartilhamos aprendizagens que temos tecido no movimento de experienciar a riqueza político-ético-estético-pedagógica da formação em rede, mesmo com todo o desafio que isso implica. Desafio significativo, faz-se importante dizer, sobretudo pelo fato de termos sido formados na perspectiva da *lógica explicativa* (Rancière, 2011), iluminista. Por isso também acreditamos serem as redes uma perspectiva descolonial, na medida em que nos provoca a romper com uma lógica subalternizante na formação, impressa numa relação em que, de modo geral, a escola básica é colocada num lugar inferior, destituído de saber, e a universidade compreendida como aquela que vai iluminá-la (Suárez, 2007).

Assim, cumpre indagar: como temos compreendido e nos desafiado a viver a formação em redes na Rede Formad, no Brasil? Que princípios nos sustentam? O que aproximam os diferentes grupos de estudos e coletivos docentes que constituem a Rede Formad, grupos presentes em quatro diferentes estados (províncias) brasileiras?

Falemos, pois, um pouco do que temos vivido...

No dialogar, experiência e narrativa como nutrientes da formação...

Há muitos anos, antes mesmo da criação da Rede Formad e de termos contato com o movimento bonito e potente das redes e coletivos docentes em nossa América Latina, já vínhamos, no *Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores* (GPPF), vivendo ações de ensino, pesquisa e formação nas quais buscávamos estabelecer um diálogo horizontal entre os sujeitos envolvidos, fosse professor/a ou estudante, vinculado/a à escola básica ou à universidade. Acreditamos, há muito, que a partilha da palavra e o exercício da igualdade ampliam nossas possibilidades de estranhamento, de aprendizagem e transformação.



Autor : Karen Daniela Velandia, 4 años, grado Jardín
Título : Soy yo
Año : 2010
Técnica : Óleo sobre cartulina

Contudo, o contato com a perspectiva da investigação educativa e do trabalho em rede, através da aproximação com os professores Daniel Suárez e Gabriel Roizman, de Buenos Aires, ambos vinculados a Red de Formación y Narrativas, nos ajudou a fortalecer e pensar de outro lugar algumas das ações que já vínhamos experimentando, embora sem nomear como trabalho em rede. Só quando de nossa participação no Ibero decidimos criar nossa rede, constituída por grupos e coletivos que já mantinham relação e buscavam trabalhar de maneira solidária.

Fazer parte desse movimento, inscrevendo-nos na reescrita da história da formação docente em nossa América Latina nos encoraja, cada vez mais, a tornar visível o modo como experienciamos a formação, como partilhamos e entrelaçamos nossos fazeres e saberes, levando tais princípios para as nossas ações pedagógicas que pensamos e praticamos. Entendemos que o sujeito da formação é um sujeito encarnado (Najmanovich, 2001) que sofre, padece, se emociona, aprende, erra, acerta, mas, sobretudo, sente e, porque sente, pensa, reflete, busca. Sendo assim, não podemos pensar num processo formativo alheio à experiência (Larrosa, 2009a) – aquilo que o sujeito vive, que o constitui, o marca, o faz vibrar. E, porque ligado à experiência, um processo também ligado ao conversar, ao falar, narrar, partilhar a palavra, pois quem partilha a palavra partilha também o pensamento, seu pensamento.

Ao narrar, o sujeito não apenas dá a ler seu pensar, mas, no movimento mesmo de escolher o que dizer, vivencia uma dinâmica de autorreflexão assumindo-se e exercitando-se como *sujeito autor* (Prado, 2013) de seu percurso de formação e dos diálogos que estabelece sobre sua atuação profissional, na construção de conhecimentos e no desafio cotidiano de reinvenção de práticas que se tornem cada vez mais colaborativas e compartilhadas.

Os sentidos que atribuímos ao que somos e fazemos estão intimamente associados às histórias que vivemos e contamos, à forma como são construídas nossas narrativas pessoais. No entanto, no encontro com o outro, esses sentidos podem ser tensionados, indagados, problematizados. O olhar do outro, externo, nos diz de nós coisas que não vemos, não percebemos. Daí que a formação não pode ser um ato

monológico onde um suposto "iluminado" vai ensinar a tantos "ignorantes", "desconhecedores". Apostamos na formação como roda viva de palavra, de diálogo, de partilha de experiência, narrativas e, sobretudo, de colocar, juntos, o pensamento em movimento.

Trata-se de um ato criativo, transformador, reflexivo, um permanente aprender... Por isso, um constante processo de reflexão, de construção/desconstrução/reconstrução de saberes e fazeres em movimento e em produção. Processos que se entrecruzam na tecedura de muitos fios e tramas, com o outro, que em mim provoca (des)encontros.

Esses princípios vêm sustentando nossas ações de pesquisa, ensino e formação no PIBID/Educação Infantil¹, grupo formado por quatorze estudantes de pedagogia – treze mulheres e um homem – que, semanalmente, vão à escola para aprender e ensinar com professoras já formadas e atuantes na sala de aula. As estudantes e o estudante-bolsista planejam, coordenam, propõem e vivem atividades pedagógicas na escola junto com as professoras de uma escola pública de Educação Infantil. As narrativas do que vivem na escola, nos encontros semanais do grupo, são o nutriente para a reflexão coletiva e a formação compartilhada.

Falar e pensar sobre o vivido cotidianamente com as crianças e professoras exige do grupo, estudantes e professoras da escola e da universidade, o exercício de viver a circularidade *prácticateoriaprática*. Nosso ponto de partida em nossas *Rodas de Conversa* é sempre a prática. O diálogo com a teoria se dá no sentido de compreendermos a prática pensando-a e refletindo teoricamente e à prática retornarmos buscando nela intervir, buscando compreendê-la e praticá-la de modos que potencializem processos de aprendizagem, de ensino e de formação docente. Mas, é importante

1 Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), oferecido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior) por meio das Universidades brasileiras que trabalham com formação de professores, dedica-se à concessão de bolsas a estudantes de licenciaturas que se fixem na docência durante a sua graduação. Tem como objetivos potencializar: i) a reflexão sobre os contextos micro e macro da escola; ii) a organização do trabalho escolar e aprendizagem dos estudantes da escola pública; iii) a qualificação do curso de licenciatura; iv) incentivar a formação docente de forma articulada à escola pública e v) colaborar no reconhecimento de saberes diversos na escola através do trabalho (com)partilhado com docentes e discentes na perspectiva de um currículo emancipatório. O projeto PIBID da UNIRIO é constituído por 08 sub-projetos e envolve cinco cursos de licenciaturas e 13 escolas públicas. O PIBID/Educação Infantil é um sub-projeto do de Pedagogia, um dos oito sub-projetos que constituem o projeto institucional da UNIRIO.

ressaltar: compreendemos a prática a partir de uma perspectiva freireana. Logo, prática como *locus* de produção de teoria, teoria em movimento. E, nessa circularidade *prácticateoriaprática*², prática e teoria se reaproximam e retroalimentam-se, sem hierarquias e dicotomias.

Em nossas Rodas de Conversa, dizer e pensar sobre o vivido com as crianças e professoras no dia-a-dia da escola trazendo para a nossa conversa textos lidos e comentados por nós é o convite e desafio vivenciado. No entanto, as estudantes, de um modo geral, falam pouco. Se resguardam, não se expõem. Praticamente não se arriscam a dizer de suas leituras, de seus modos de compreender o que leram, de colocar em conversa a prática e a teoria. Talvez, o modo como aprenderam a aprender tenha sido marcado pela explicação e, portanto, do ouvir para poder aprender. Ouvir para aprender bem e não cometer erros.

Mas, o desejo e a aposta é que possamos, professoras e estudantes, abrir-nos a nossa própria transformação e vivermos, quiçá, esse processo formativo que compartilhamos como experiência. Sabemos que cada pessoa vive sua própria experiência de modo singular e único. E nos perguntamos, com insistência: *como* fazer para que as estudantes se abram à experiência? É possível pensar neste "como"? Que movimentos provoca, para nós, pensar "como fazer"?

Abrir-se à experiência. Abertura que exige expor-se, arriscar-se; exige viver a cotidianidade da sala de aula e da escola, o encontro com o(s) outro(s) – crianças e adultos – como algo que nos inquiete e nos provoque a olhar com mais atenção e cuidado para esse cotidiano. Um exercício de ver de modos outros o que estamos acostumados a ver e a compreender. Um exercício de ouvir o que nos acontece, de pensar *com* o experienciado *com* as crianças, na escola; de perguntar-nos: o que temos vivido neste processo de formação docente? Afinal, o que acontece? O que nos passa? O que pensamos sobre o que nos passa? Passa, afinal, algo? Algo passa?

Nesse sentido, algumas outras perguntas-reflexões vão também ganhando força... *Como* fazer para

que o grupo não tenha medo de arriscar e de errar? Para que compreenda que o erro faz parte do processo de conhecer? Erro e acerto. E não erro *ou* acerto. Acerto e erro são partes da circularidade, sempre inconclusa e em movimento, de relações entre saber/ ainda não saber/ saber, revelando-nos modos outros de lidar com o conhecer, com o conhecimento, com nossos desconhecimentos, com o aprender. Mas, que relações podem ser tecidas nesse processo de aprender. Ao aprender ensinamos? O que significa, em processos de formação docente, aprender e ensinar? Ensinar e aprender? Quem ensina? Quem aprende? Quem ensina a quem? Quem aprende com quem? Deleuze (2006) insiste em dizer-nos que não aprendemos *de* alguém senão *com* alguém. Wanderley Geraldí, Bend Fichtner e Maria Benites, no livro "Transgressões Convergentes", ressaltam:

Para poder aprender é preciso ensinar. E, ao mesmo tempo, quem ensina tem que ter a capacidade de aprender. O processo de aprendizagem dos seres humanos forma, junto com o processo de ensino, um sistema vivo, cuja sustentação é o intercâmbio de emoções e afetos entre quem ensina e quem aprende. Um conjunto complexo de ações recíprocas e complementares forma esse sistema e mostra seu caráter fundamentalmente colaborativo. (Geraldí; Fichtner; Benites, 2006, p. 23).

Pensar esse processo – de aprender e ensinar – como um *sistema vivo* desvela sua complexidade constitutiva e, portanto, interroga modos aprendidos de acreditar ser possível controlá-lo, mensurá-lo, classificá-lo. *Como* saber o que o(a)s estudantes aprendem *ou* não aprendem? Talvez devêssemos dizer e pensar que aprendem e não aprendem. Nos anima pensar com Walter Kohan (2015) que "lo mas sensato parece ser pensar que no aprenden lo que queremos enseñarles sino lo que quieren aprender a partir de lo que queremos enseñarles. Y eso es un enigma. El enigma de la relación entre enseñar y aprender. O enigma del aprender".

Nos perguntamos, também, neste processo de aprender a ser professores e professoras de crianças, com as crianças e professoras, na cotidianidade de uma escola de educação infantil, sobre as leituras realizadas no grupo. O que fazer para que a leitura dos textos não seja compreendida como uma tarefa a realizar e,

2 Optamos pela escrita junta destas palavras para dar ideia de uma circularidade em processo que não se esgota em qualquer uma das pontas: a prática tenciona a teoria, que tenciona a prática, num movimento contínuo e circular.

sim, como ressalta Larrosa (2009b), "leer para que las palabras de otros nos ayuden a encontrar nuestras propias palabras?" Ler para que as ideias de outros possam nos inspirar, possam nos provocar a encontrar nossas próprias ideias. Possam nos animar a pensar o que ainda não sabemos pensar; a dizer o que ainda não sabemos dizer e a escrever o que ainda não sabemos escrever.

Temos assumido, em nossas ações de ensino e de formação-investigação, o convite feito por Larrosa, o de experimentar uma "forma de relação com os textos lidos, o que significa una forma de atención, una actitud de escucha, una inquietude, una apertura" (Larrosa, 2009b, p. 28). No entanto, exercitar essa relação é desafiador e necessitamos aprender a lidar com silêncios, com o que se apresenta, em um primeiro momento, como falta de participação do grupo.

Como nos aproximarmos dos sentidos e dos não sentidos produzidos pelas leituras? Que pistas seguir? Às vezes, ou melhor dizendo, muitas vezes, gestos mínimos que costumam passar despercebidos mediante nossos modos de lidar com processos formativos sinalizam-nos o que não conseguimos perceber de imediato: um olhar mais atento e interrogativo da estudante que escuta a fala do outro; a boca que se mexe e anuncia uma fala que não vem; uma palavra que sintetiza uma descoberta, uma aprendizagem que parece nova; o corpo que se mexe e remexe inquieto sinalizando-nos, talvez, sempre talvez, a ausência de sentido, para esta estudante, da nossa conversa.

Insistimos: para nós, o mais interessante neste processo é que o "como" provoca-nos, uma vez mais, a movimentar-nos, a pensar-nos ao pensarmos em nossas ações de formação-investigação.

Carlos Skliar, um autor com o qual temos conversado e que nos provoca a refletir sobre processos educativos e formativos, afirma "que es el otro quien inicia el proceso de deconstrucción; es el otro quien provoca la llamada; es el otro quien nos induce a realizar un gesto; es a partir del otro que nos hacemos responsables, obligándonos a dialogar con él" (2007, p. 31).

No encontro com o outro e com o(s) outro(s), formamo-nos - estudantes e professoras - permanentemente, no movimento de falar, conversar, perguntar, concordar, discordar, silenciar, escutar, pesquisar, ler,

escrever... Mas, sobretudo, o que nos mobiliza é a aposta em processos formativos que possam comover e semear inquietação. Por isso e principalmente por isso, seguimos conversando com o(a)s estudantes sobre o que fazemos, pensamos e sentimos nesse processo de aprender e ensinar, constitutivamente colaborativo.

Outra ação de Formação da Rede Formad, pensada no primeiro encontro da Rede do ano de 2016 a partir do desejo de professoras alfabetizadoras que fazem parte dela, é a série de encontros periódicos a que vimos chamando de *Alfabetização em Conversa*.

Seguindo os preceitos do trabalho em redes, o Alfabetização em Conversa pressupõe o diálogo, o intercâmbio de experiências e a reflexão coletiva. O ponto de partida e de chegada é a prática cotidiana e o que buscamos, como disse a professora Naara, em nosso primeiro encontro, são as "tensões criadoras", isto é, a possibilidade de estranhar o óbvio, desconstruir nossas certezas, indagar nossos saberes, refletir, pensar junto.

No nosso primeiro encontro Alfabetização em Conversa de 2016, ocorrido no dia 21 de maio, a professora Naara puxou a conversa, expondo sua prática, mostrando fotografias da sala de aula, produções infantis e narrando algumas de suas propostas pedagógicas desenvolvidas com os alunos e alunas com os quais trabalha. Ao falar de seu fazer pedagógico, a professora lembrou de como ser parte de coletivos docentes foi ajudando-a a sair do lugar de detentora do saber, do papel de professora que "tudo sabe", de buscar harmonia e controle na sala de aula. Ela lembrou de como gritava com as crianças no início e de como, pouco a pouco, foi aprendendo a ouvi-las, a compreendê-las como sujeitos:

Na sala de aula, depois que a gente passa a fazer parte de grupos e viver esses processos de formação, as vozes dos outros professores nos acompanham. Às vezes, a gente pensa em fazer determinada coisa ou agir de um determinado modo e as vozes ecoam em nossa cabeça. Ai a gente para, pensa e faz diferente. (Naara Maritza. 21 de maio de 2016. Fala transcrita do caderno de campo).

A fala da professora sublinha o caráter polifônico da formação em rede: *as vozes dos outros professores*

nos acompanham. Sim, se nos permitimos viver a experiência da rede como abertura ao pensar e pensar-se com o outro, se nos expomos em nossas completudes e incompletudes, em nossos sucessos e tropeços, então muitas vezes nos constituem, ecoando em nós e nos forçando a pensar.

No referido encontro, após a narrativa da professora, experienciamos o diálogo. Sua prática foi o centro da roda de conversa. Puxamos fios, falamos de nossas práticas, suscitados pelo seu fazer, mas também colocamos nossos estranhamentos: a professora falara da produção de um convite com sua turma para a festa do Saci-Pererê³. Ao final, perguntamo-nos: o convite foi enviado? Houve a festa do Saci? O que significa, em termos de concepção de alfabetização, frente à função social dos gêneros textuais e discursivos, produzir um convite que não será enviado para ninguém, não cumprindo seu papel de convite?

Diante da pergunta, a professora se sentiu provocada, provocação partilhada em seu olhar. A pergunta ficou no ar. Interessa-nos menos as respostas do que as perguntas. Mobiliza-nos o estarmos juntos, pensar juntos, movimentar o pensar. Viver a experiência do formar-se com o outro é colocar-se também no lugar da ex-posição, da abertura, da disponibilidade à escuta, à palavra outra. O olhar de Naara dizia isto, como na música de Marisa Monte: "o teu olhar completa o meu". O vosso olhar, sim, tantos olhares completam e interrogam o meu. E vice-versa.

Viver a experiência da formação em rede é admitir que na nossa prática há lugar para perguntas, porque, como nos ensinou Freire (1996), somos todos nós sujeitos inconclusos e incompletos. E porque incompletos podemos aprender e nos transformar. Só porque incompletos precisamos do outro, da vivência da alteridade, com as múltiplas histórias nossas e dos outros.

Larrosa (2004) nomeia como *autonarração* o movimento da constante reflexão que nossas histórias provocam... Um processo que pressupõe transformações e modificações que informa sobre mim mesmo em constâncias, pelas relações que compartilho, pelas lembranças que rememoro, nas histórias outras que ouço e que de mim fazem parte. "Lo que somos es la

elaboración narrativa (particular, contingente, abierta, interminable) de la historia de nuestras vidas, de quién somos en relación a lo que nos passa" (Larrosa, 2004, p. 20).

Dessa maneira, a narrativa da prática se coloca como espaço/tempo de travessias, sujeitos ao momento, a mudanças. Se constitui, ainda, como palavra capaz de nos afetar, nos marcar como palavra que em nosso corpo encontra morada e em nossas vidas se alicerça. Isso considerando o corpo como o lugar onde se inscreve cada história singular, como o lugar onde sentimentos e pensamentos se manifestam em palavras, imagens e lembranças.

Ao traçar os fios de nossas trajetórias no difícil, mas também instigante processo de busca de assunção da autoria, havemos de afirmar a presença potente e poética do encontro com o outro. Daí que essa formação, na perspectiva das redes, não possa prescindir das ideias de horizontalidade e igualdade (Duhalde, 2009). Todos somos produtores de conhecimento e saber e temos o que dizer.

Nesse cenário, narrativizar as memórias alinha-se com uma postura pedagógico-investigativa que busca ressignificar o lugar da teoria, possibilitando exercitar, praticar, refletir uma outra formação, marcada pela autoria.

Para seguir dialogando

Trazemos como marca neste trabalho a formação como encontro com o outro. Ao pensar a formação como espaço/tempo de encontro com o outro, referimo-nos também à potência do diálogo, do estranhamento, do conflito, da "tensão criadora". Esses encontros abrem possibilidades para ressignificar nossas compreensões sobre alfabetização, a prática com crianças e suas infâncias e a própria vida.

Nesse sentido, a sala de aula e os coletivos docentes dos quais participamos constituem-se, do nosso ponto de vista, como espaços/tempos não só de aprender em compartilha, mas prenhes de sentidos, um lugar onde se é possível viver a experiência de novas leituras sobre velhos saberes, de desenraizar certezas, de nos ajudar a ver. Espaço de provocação, de controvérsias, de dizer de si, de viver intensamente a companhia do outro a nos observar, a nos ler.

3 Personagem conhecido do folclore brasileiro.

Assim, os coletivos docentes e a sala de aula tornam-se *espaçostempos* de diálogos compartilhados, solidarizados, fortalecidos no encontro com o outro. Nos encontros com os coletivos docentes, abrem-se oportunidades de viver experiências nas quais autoria e formação compartilhada movem nossas discussões. Questões do dia-a-dia de nossas salas de aulas ganham outras dimensões, ampliam-se em conversas-estudos, num movimento que engendra o confronto de diferentes pontos de vista.

Na epígrafe desse texto, Carlos Skliar nos fala poeticamente sobre o educar:

O educar como jeito de respirar: nada se aprende da asfixia.

O educar como jeito de escapar: da apatia, da tirania, da voz paralisante.

O educar como forma de voltar ao lugar onde nunca estivemos antes.

Assim como nos provoca a pensar Skliar, para nós, o investimento ético-político é no sentido de pensar e viver o formar(se) *como jeito de escapar: da apatia, da tirania, da voz paralisante*. E a formação docente na perspectiva das redes potencializa esse escapar! Abre horizontes de possibilidades de voltarmos a lugares onde, quiçá, nunca estivemos antes: o lugar da afirmação de nós mesmos como potência, como sujeitos de conhecimento e saberes que (trans)formam a escola desde dentro.

Referências

- Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal.
- Duhalde, M. A. (coord.). (2009). *Investigación educativa y trabajo en red. Debates y proyecciones*. Buenos Aires: Noveduc.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Geraldi, W., Fichtner, B. y Benites, M. (2006). *Transgressões convergentes – Vigotsky, Bathin, Bateson*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Kohan, W. (2015). *Viajar para viver: ensayar. La vida como escuela de viaje*. Buenos Aires: Miño y Dávila.
- Larrosa, J. (2004). Notas sobre narrativa e identidade. Em M. H. M. Abrahão (org.). *A aventura (auto)biográfica: Teoria e empiria*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Larrosa, J. (2009a). Experiencia y alteridad en educación. Em C. Skliar y J. Larrosa (comp.). *Experiencia y alteridad en educación*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones.
- Larrosa, J. (2009b). Palabras para una educación otra. Em C. Skliar y J. Larrosa (comp.). *Experiencia y alteridad en educación*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones.
- Najmanovich, D. (2001). *O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Prado, G. V. T.; Fernandes, C. H. (2009). Saberes docentes tecidos na escrita: pontos do fazer constituídos na autoria e na interlocução. Em M. P. Lacerda (org.). *A Escrita Inscrita na formação docente*. Rio de Janeiro: Rovel.
- Rancière, J. (2011). *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual* (3ª ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Sampaio, C. S. (2010). Redes coletivas de (auto)formação docente: narrativas, experiências e a (re)construção de saberes e fazeres alfabetizadores. Em D. Z. Moraes y R. S. Lugli (orgs.). *Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto)biográficas como espaços de formação/investigação*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Sampaio, C. S., Ribeiro, T., Morais, J. F. S. (2011). Formação docente instituinte: o Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita. *Aleph*, 11(22), 114–123.
- Skliar, C. (2007). *La educación (que es) del otro. Argumentos y desierto de argumentos pedagógicos*. Buenos Aires: Centro de Publicações Educativas y Material Didáctico.
- Skliar, C. (2014). *O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação*. Salvador: EDUFBA, 2014.
- Suárez, D. H. (2007). Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. Em I. Sverdlick et al. *La investigación educativa: Una herramienta de conocimiento y de acción*. Buenos Aires: Noveduc.
- Suárez, D. H. (2011). Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. Em A. Alliaud, D. Suárez (coords.). *El saber de la experiencia: narrativa, investigación y formación docente*. Buenos Aires: Editora da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires; Clacso.

DIÁLOGO DEL CONOCIMIENTO

Si bien las numerosas redes pedagógicas que existen en América Latina y en España han sido muy diversas en términos de emergencias, enfoques, formas de relacionamiento, contenidos y trayectorias, participar en ellas se ha convertido en una extraordinaria y sorprendente experiencia de formación.

Este escrito de Sampaio, Ribeiro y Venâncio tiene la virtud de documentar, a través de una narrativa que conjuga herramientas conceptuales, vivencias y prácticas, la experiencia de formación que han vivido como integrantes de la Red de Formación Docente (Rede Formad) de Brasil, conformada en 2010, en conexión con los encuentros iberoamericanos de colectivos y redes de maestros.

Así, la Rede Formad subraya el carácter polifónico de la formación, por cuanto el encuentro y la conversación con los otros se convierte en una "provocación", en un movimiento que replantea los modos de pensarse a sí mismos y de redefinir las propias prácticas. En diálogo con el enfoque decolonial, interrogan la lógica subalternizante de los modelos que ponen a la escuela en un lugar inferior y destituida de saber, en relación con una universidad que pretende "iluminarla". Y, con Larrosa y de Skliar, resaltan la formación en la red como producción de *experiencia*, con lo cual interrogan a su vez otras prácticas que, sin producirla, se nombran como "formación".

Aun cuando apenas esbozados, los autores derivan del trabajo en Red interesantes interrogantes y replanteamientos sobre los supuestos de los programas de formación y de investigación que se adelantan en las escuelas y en la formación inicial de maestros. Retomando el "enigma de la relación entre enseñar y aprender", como lo denomina Kohan, incitan a desconfiar de los supuestos y a pensar de otros modos el papel de los maestros y de los sujetos en su propia formación.

Temas y aportes sugerentes para los encuentros de la Red Iberoamericana de Redes y Colectivos que se realizan cada tres años, desde 1999, con la participación de maestros de más de siete países y cuya novena versión tendrá como sede a Colombia.

MARIA DEL PILAR UNDA BERNAL